



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR:
uma questão de letramento escolar**

CLÉCIA VITÓRIA ARAÚJO DA SILVA

**MAMANGUAPE-PB
2021**

CLÉCIA VITÓRIA ARAÚJO DA SILVA

O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR:

uma questão de letramento escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV,
em cumprimento aos requisitos para a obtenção
do título de Licenciado em Letras/Língua
Portuguesa.

Orientador/a: Dra. Luana Francisleyde Pessoa
de Farias

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Clécia Vitória Araújo da.

O papel do professor na formação do aluno leitor: uma questão de letramento escolar / Clécia Vitória Araújo da Silva. - Mamanguape, 2021.

61 f. : il.

Orientação: Luana Francisleyde Pessoa de Farias.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAEC.

1. Leitura. 2. Professor. 3. Letramento. 4. Escola. 5. Língua Portuguesa. I. Farias, Luana Francisleyde Pessoa de. II. Título.

UFPB/CCAEC

CDU 37

CLÉCIA VITÓRIA ARAÚJO DA SILVA

O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR:

uma questão de letramento escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV,
em cumprimento aos requisitos para a obtenção
do título de Licenciado em Letras/Língua
Portuguesa.

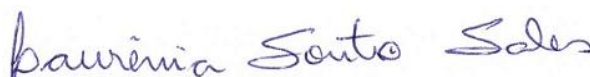
Orientador/a: Dra. Luana Francisleyde Pessoa
de Farias

Aprovado em 02 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Luana Francisleyde Pessoa de Farias
(Orientadora – UFPB)



Profa. Dra. Laurênia Souto Sales
(Examinador 1- UFPB)



Prof. Dr. Fábio Pessoa da Silva
(Examinador 2- UFPB)

Dedico, em primeiro lugar, este trabalho a Deus, que sempre esteve comigo guiando os meus passos, e em segundo lugar, aos meus pais, que sempre me apoiaram e incentivaram os meus estudos. Estes que foram os meus primeiros professores na vida!

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Nilta Maria e Severino Araújo, que sempre me apoiaram em tudo e que são os exemplos de pessoas que quero ser e conservar no meu coração para sempre, amo vocês com toda a força que meu coração possui;

Agradeço aos meus irmãos, Samara, Maria e José Nilo, por todo o apoio emocional durante a escrita do TCC e também pelos conselhos que me deram, além da companhia desde sempre, obrigada, amo vocês com toda a força que meu coração possui;

Agradeço a Elvis pelo apoio de todos os dias e incentivo, me presenteando com livros que foram importantes para a elaboração do meu TCC;

Agradeço a Yara pelas boas conversas e por sempre manter um clima de esperança nelas;

Agradeço a Yoan Monchi, meu amigo “claro K sí”, pelo apoio emocional e por tudo que representa para mim, me ajudou e me fez descobrir novamente a poesia que existe no mundo, obrigada por tudo, “que a vida sorria e te surpreenda”;

Agradeço também a minha orientadora Luana Francisleyde pelo seu apoio, paciência e pelas orientações e colaborações ao longo da pesquisa;

Agradeço a Atena pelo amor de todos os dias, a Billy, que sempre foi um doce e a sua inocência me mostrou um amor tão puro que jamais tinha visto antes;

Agradeço a Manuel Sanchez pelo apoio e por todas as vezes que me lembrou, nas manhãs, que eu tinha que escrever até que tivesse terminado o trabalho, obrigada pela dose de humor;

Agradeço ao grupo de estudos Saberes e Práticas do Professor (GESPP), por me proporcionar mais conhecimento na minha formação e por abrir espaço de aprendizado em todos os encontros;

Agradeço aos professores colaboradores que se disponibilizaram a responder ao questionário da pesquisa que serviu de base para esse trabalho;

Agradeço aos meus professores do ensino básico que foram exemplos para a escolha do curso e me mostraram o quanto o ser professor é especial e necessário, que ser professor é muito mais que uma posição dentro da escola, é inspirar outras pessoas, ser uma ponte para o conhecimento e, acima de tudo, é deixar o egoísmo de lado e abrir caminhos para que os outros também possam brilhar.

E por fim, agradeço às escolas que estudei e que me abriram espaços de conhecimento.

Obrigada a todos!

“Sempre fica um pouco de perfume nas mãos que oferecem flores”
(Provérbio chinês)

RESUMO

O professor cumpre um importante papel social que é incluir os alunos nas diversas práticas de letramento que estão presentes em nossa sociedade, tendo em vista que a prática de ler é uma atividade social que usamos em diversos contextos para diversas finalidades (KLEIMAN, 1995). Logo, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar o papel do professor de língua portuguesa como agente de letramento na construção dos hábitos leitores dos alunos no ensino fundamental II. Mais especificamente, buscou compreender os desafios encontrados pelos professores no ensino de leitura; identificar as estratégias utilizadas pelos professores para a formação de leitores proficientes; evidenciar a importância da leitura para o desenvolvimento das habilidades e competências linguístico-discursivas. Os autores que fundamentaram este estudo são Kleiman (1995, 2007, 2016), Ferrarezi e Carvalho (2017), Zilberman (2006, 2007, 2009), Paulino e Cosson (2009), Freire (2000, 1999, 2011), Dalvi (2013), dentre outros. A pesquisa é de natureza aplicada, abordagem qualitativa, bibliográfica e de campo. A coleta de dados e a geração ocorreu por meio de um questionário produzido no Google Forms e aplicado a vinte professores de Língua Portuguesa que atuam na segunda fase do ensino fundamental. O período de geração de dados ocorreu durante o primeiro semestre de 2021. Sendo assim, os resultados demonstram que mesmo diante de diversos tipos de desafios, os professores continuam investindo na inserção dos educandos em práticas sociais significativas para o ensino da leitura. Embora haja muitos pontos positivos, eles sinalizaram a falta de apoio e incentivo da própria gestão escolar, além da falta de políticas de incentivo à leitura, como espaços adequados (bibliotecas), materiais e até mesmo apoio da família dos alunos. Diante disso, depreende-se que um professor sozinho não pode fazer o papel de toda uma sociedade no tocante à formação dos novos leitores. O aprendizado é contínuo, mas não é solitário, é necessário que exista uma cooperação, tanto dentro da escola quanto no convívio familiar do aluno, como uma forma de auxiliar o trabalho do professor, e como um apoio e reconhecimento ao papel social do seu exercício profissional.

Palavras-chave: Leitura. Professor. Letramento. Escola. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The teacher complies with an important social role that is include the students in several practices of literacies who are present in our society, considering the practicing of reading is a social activities that we usually do in different contexts to different purpose (Kleiman, 1995) . Therefore, the general objective of this work is investigate the role of professor of language Portuguese as an agent of literacy long the construction of readings habits of students in elementary school. More specifically, sought to understanding the behaviors faced by teachers in reading teaching; identify the strategies used by the teachers for the formation of proficient reader; underscore the importance of reading to the skills development and linguistic-discursive competence. With regarding, the authors who supporting this study are: Kleiman (1995, 2007, 2016), Ferrarezi and Carvalho (2017), Zilberman (2006, 2007, 2009), Paulino and Cosson (2009), Freire (2000, 1999, 2011), Dalvi (2013), etc. This research is applied nature, approach qualitative, bibliographic and field research. About the data collection and the data generation, this one was made through a questionnaire produced on google forms and was applied to twenty educators of language Portuguese whose work in the second phase of elementary school. About the period of date generation this one was during the first half of 2021. In this sense, the results shower the faced with different types of challenges, teachers continue to invest in the insertion of students in significant social practices for teaching reading. Although there are many positives points, they indicated the lack of support and school incentives of the school management, in addition the lack of readings incentives programs, as adequate spaces (libraries), materials and even support from the students' families. Therefore, we can gather that alone the teacher can not do the role of all society, in the concerning of formation the new readers. The learnings is continuous, but it is not solitary, there must be an cooperation, both inside of the school and in the students family life, but not as a way to facilitate the work of the teacher, but as a support and recognition of the social role of their professional practice.

Keyword: Reading. Teacher. Literacy. School. Language Portuguese

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Questionário Ensino de leitura nas aulas de Língua Portuguesa.....	29
Quadro 2- Qual o papel da leitura em sala de aula?.....	32
Quadro 3- Com base em sua experiência docente, quais as práticas escolares ou escolarizadas que mais estimulam os alunos a desenvolverem as habilidades e as competências exigidas atualmente?.....	47
Quadro 4- Você se considera um leitor proficiente, ou seja, aquele que constrói os sentidos e age criticamente diante da leitura?.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Práticas de leitura em sala de aula.....	35
Gráfico 2- Tipos de leitura.....	39
Gráfico 3- A leitura no plano de aula.....	42
Gráfico 4- Frequência das práticas de leitura nas aulas.....	43
Gráfico 5- Os desafios de inserir os alunos nas aulas de leitura.....	44

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
2. A LEITURA E O ALUNO	15
2.1 Letramento escolar	19
3. O PAPEL DO PROFESSOR NAS AULAS DE LEITURA.....	21
3.1 A LEITURA POR PRAZER.....	24
4. METODOLOGIA.....	28
4.1 Tipo de Pesquisa	28
4.2 Instrumento de Coleta de Dados	29
4.3 Colaboradores.....	30
4.4 Sistemática da análise dos dados	31
5. ANÁLISE DOS DADOS	32
5.1 Papel da leitura em sala de aula.....	32
5.2 Práticas de leitura em sala de aula.....	34
5.3 Tipos de leitura.....	39
5.4 Práticas de leituras no plano de aula.....	41
5.5 Frequência das práticas de leitura nas aulas	42
5.6 Os desafios de inserir os alunos nas aulas de leitura	43
5.7. Práticas no ensino de leitura que estimulam as habilidades dos alunos	46
5.8 Você se considera um leitor proficiente?	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE	57

1. INTRODUÇÃO

As práticas de leitura escolares são essenciais para o aprimoramento das capacidades leitoras dos alunos, deste modo, o professor exerce um papel essencial como agente de letramento, uma vez que assume como função incentivar esta experiência a partir de diferentes estratégias didáticas. Para tanto, o educador deve, antes de tudo, ser um leitor e procurar cultivar nos seus alunos a importância da leitura em sua vida, sendo assim, eles poderão compreender a relevância desse hábito.

Neste estudo, o professor é concebido como um agente de letramento, ou seja, (KLEIMAN, 2007), aquele que se posiciona de forma independente e crítica, uma vez que ele é o responsável por se colocar à frente de atividades, agindo de forma coletiva, em prol do meio social. Além disso, a autora ainda ressalta que o termo agente de letramento reforça ainda mais o *valor empoderador* na formação do professor.

Neste papel, o educador, considerando todo o meio em sua volta e a posição de tomador de decisões, sabe da importância da leitura como um meio de formar cidadãos críticos capazes de atuar de maneira ativa na sociedade, uma vez que vivemos em um mundo centrado na escrita. Dessa maneira, a leitura se torna imprescindível nas atividades cotidianas, desde um simples afazer, como utilizar o celular para enviar um recado, até algo mais complexo, como preparar-se para apresentar um seminário. A leitura está ligada à forma como se interpreta o mundo (FREIRE, 2011), realidades conectadas, uma vez que agimos no mundo por meio das diferentes linguagens.

Entendendo o que é a leitura e o seu papel na vida do leitor, deve-se refletir sobre as dificuldades enfrentadas no ato de ler, como, por exemplo: problemas na compreensão do que foi lido, visto que muitos alunos conseguem decodificar o que está escrito, mas não constroem os sentidos criticamente. Sendo assim, o professor, no ensino de leitura, tem como objetivo ajudar o educando a ler de forma eficiente, pois esta prática exige muito do aluno, uma vez que é um ato civilizador (FERRAREZI; CARVALHO, 2017), que requer disciplina e muita atenção para a compreensão do texto lido.

Nesse contexto, o professor atua como um mediador do conhecimento, além de ensinar também aprende, pois todo aluno já traz consigo um saber e, dessa

maneira, a aprendizagem é mútua. Logo, tendo em vista que o aluno já possui uma carga de saber, o professor, através de seus conhecimentos teórico-metodológicos, pode buscar meios para desenvolver o gosto pelo ato de ler de maneira prazerosa. Mas, para isso, é necessário que o docente se dedique no planejamento das suas aulas de leitura e busque conhecer também os hábitos (ou práticas leitoras) de seus educandos.

Estar em contato com a leitura de forma contínua ajuda o aluno a dar significado ao que lê, pois o conhecimento adquirido com a leitura só vai se consolidando com o tempo e, a partir do momento em que percebe isso, o estudante começa a fazer relações com o mundo em que vive. Pois, o ato de ler é uma ponte no despertar do processo de desenvolvimento das capacidades cognitivas. Além disso, é, sem dúvida, uma forma de conhecimento e interação com outros mundos através dos textos verbais e não verbais. Por isso, quando o professor entende a importância da leitura, ele enxerga em cada ato de ler o desenvolvimento não apenas individual, mas também coletivo. Além do mais, ao considerar os processos de ensino e aprendizagem, é importante que o docente procure se dedicar às necessidades dos educandos, sejam elas de natureza motora, social, afetiva ou até mesmo cognitiva.

Nesta perspectiva, o papel do professor é essencial, visto que possibilita uma transformação no aluno e colabora para que ele tenha o gosto pelo ato de ler e que, por sua vez, esta prática não se torne cansativa. Sendo assim, a inclusão da leitura dentro do espaço escolar deve ser sempre que possível um ato prazeroso, tanto para o professor que vai trabalhá-la, como também para o aluno que estará em constante contato com ela. Além disso, é necessário que o professor mobilize seus conhecimentos com relação à leitura e à literatura e provoque nos alunos a curiosidade do texto, a vontade de entrar em contato com ele, mesmo que fora do ambiente educacional.

Sendo assim, a escolha da temática da pesquisa apresentada justifica-se pela importância deste tema, devido aos resultados do PISA (Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes) do ano de 2018, apresentar que o Brasil obteve um baixo desempenho escolar no ensino de leitura, e apenas 0,2% alcançaram o nível máximo de proficiência, o que de fato é um problema que se mostra na educação.

Ademais, tendo em vista todos esses apontamentos sobre o ensino de leitura e o professor, vale destacar mais especificamente sobre o seu papel no ensino fundamental, pois é nesta fase que os alunos estão aprimorando os seus hábitos leitores, conhecendo seu gosto literário, ampliando os seus horizontes e desenvolvendo as estruturas cognitivas.

Nessa conjectura, a pergunta de pesquisa deste trabalho é a seguinte: Como o professor pode colaborar na formação da competência leitora do aluno durante o ensino fundamental II?

Uma das possíveis hipóteses para esse questionamento é que as práticas de leitura elaboradas pelos professores no ensino fundamental II influenciam na forma como os alunos lidam com o texto, ou seja, em seus hábitos leitores, e também na forma como estes projetam o seu olhar sobre o texto escrito. Deste modo, percebe-se que, ao cativar os alunos, o professor enquanto agente de letramento constrói um círculo virtuoso de aprendizado, consegue marcar de maneira significativa o aluno com as suas práticas pedagógicas e fazer com que eles tomem gosto pela leitura.

Por conseguinte, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar o papel do professor de língua portuguesa como agente de letramento na construção dos hábitos leitores dos alunos no ensino fundamental II. E como objetivos específicos procuramos compreender os desafios encontrados pelos professores no ensino de leitura; identificar as estratégias utilizadas pelos professores para a formação de leitores proficientes; evidenciar a importância da leitura para o desenvolvimento das habilidades e competências linguístico-discursivas.

Trata-se, portanto, de um estudo situado na Linguística Aplicada, o qual foi realizado a partir de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e de teor exploratório e bibliográfico, tendo um questionário realizado de forma virtual através da ferramenta *Google Forms* com perguntas abertas para a obtenção de dados.

Para tanto, alguns dos aportes teóricos que fundamentaram este trabalho foram: Kleiman (1995, 2006, 2007, 2016), Prodanov e Freitas (2013), Ferrarezi e Carvalho (2017), Rösing (2008), dentre tantos outros, bem como também foram utilizados documentos oficiais como: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

Desta forma, este trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro capítulo dedicado à relação entre a leitura e o aluno, com um subcapítulo sobre o letramento escolar. No segundo capítulo, temos o papel do professor nas aulas de leitura e um subcapítulo falando sobre a leitura por prazer. O capítulo terceiro aborda a metodologia utilizada e todos os procedimentos adotados. Por fim, o quarto capítulo é sobre a análise de dados, seguido das considerações finais.

2. A LEITURA E O ALUNO

Sabe-se que atualmente não é mais suficiente que uma pessoa seja considerada apenas alfabetizada, no sentido do mero reconhecimento do sistema alfabético. Debate-se sobre ser alfabetizado em contexto de letramento, ou seja, aquele/a que consegue ler, escrever os mais variados gêneros, refletir, posicionar-se diante de algum texto nas mais diferentes esferas de interação social. Desse modo, não ignorando o processo de alfabetização pelo qual a maioria das pessoas passa para adquirir a habilidade de ler e escrever, fazemos uso aqui do termo “letramento”, ampliando a compreensão acerca das práticas de leitura e da escrita.

Segundo Kleiman (2007), os estudos do letramento investigam as questões e os impactos sociais do uso da língua escrita. Além disso, “o letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita” (KLEIMAN, 2005, p. 9). Sendo assim, este trabalha a escrita e a leitura dentro de diversos contextos e prepara as pessoas a estarem aptas a interagirem dentro da nossa sociedade, que é movida pela escrita.

Tendo em vista isso, esse constante contato com materiais escritos requer que as pessoas estejam aptas para produzir sentidos a partir do texto lido, e mesmo assim entende-se que cada um constrói os sentidos devido aos tipos de vivência acumuladas no decorrer da sua vida. Segundo Kleiman (2016, p. 13), “ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.”. As diferentes interpretações fazem parte da prática de leitura, e é justamente isto que a torna especial e valiosa, pois na medida em que cada uma é feita, contribuições de sentidos diferentes são realizadas. Ademais, o ponto principal é que a leitura trabalha especificidades no leitor, seja com palavras novas a serem acrescentadas no seu vocabulário, melhoria na interpretação, na leitura em voz alta, a prática da retomada de informações, inferências na história narrada e até mesmo a capacidade de se posicionar de maneira crítica. Desse modo, quando ela faz parte da vida do ser humano, a leitura o habilita a fazer parte de todo um meio social de maneira que ele, como cidadão, irá conseguir inter(agir) em diferentes esferas comunicativas.

A autora Zilberman (2009) diz que o ato de ler soma os conhecimentos anteriores com os novos, os quais podem ir contra as suas experiências com a linguagem oral. Ou seja, no ato de ler, os nossos conhecimentos anteriores são acionados para fazer uma conexão com as informações novas que estão sendo acrescentadas ao texto lido, sendo possível também perceber a diferença existente entre a língua escrita e a falada, deste modo, fazendo com que a culminação desses conhecimentos resulte em novos.

Com base nestas considerações, vale ressaltar também o que é a leitura. Para Zilberman (2009, p. 33), “caracterizando a experiência fundamental da realidade, a leitura pode ser qualificada como a mediadora entre cada ser humano e seu presente”. Já os autores Ferrarezi e Carvalho (2017, p.17) dizem que a leitura é um ato civilizador, pois “há algo de disciplinador na leitura”, sendo assim, existe nisto a necessidade de deter-se de forma respeitosa diante do livro, de se dedicar atentamente ao que se lê e isso é um exercício que amplia os horizontes cognitivos daqueles que leem.

No entendimento de Aguiar (2013, p.153), a atividade de ler

não é apenas decifrar um código; é perceber a interligação lógica dos significados, as relações entre eles e, o que é mais importante, assimilar o pensamento e as intenções do autor, confrontar as ideias apreendidas com os conhecimentos anteriores sobre o assunto, dialogar com o autor, posicionando-se diante dele, e utilizar os conteúdos ideativos adquiridos em novas situações.

Ou seja, ler significar participar de um universo/ realidade diferente do qual o leitor passa a conhecer, conectando os seus conhecimentos aos novos e estabelecendo pontes para diversas aprendizagens. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 69-70),

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

Deste modo, observada as definições da palavra leitura, percebe-se que o ato de ler ocupa um lugar importante na vida do aluno, uma vez que o auxiliará em várias dimensões na sociedade na qual ele está inserido. Ademais, é importante que a atividade de leitura seja exercitada desde cedo, para que, aos poucos, o aluno consiga desenvolver as habilidades necessárias a esta prática. Com relação a isso, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9394/96, na seção III do ensino fundamental, artigo 32, diz que:

O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I- o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita (...)

Compreende-se, assim, que essa prática contínua da leitura se faz obrigatória na escola, considerada por Kleiman (2007, p. 4) como uma “agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas (...)”. Ela é, então, uma instituição que proporciona saberes através de experiências educacionais que capacitam os alunos a pensar/refletir sobre o que veem e o que leem a partir de diferentes práticas sociais.

Já com relação à participação da leitura na vida cotidiana das pessoas, Zilberman (2009, p. 24) diz que

A relevância da leitura na sociedade moderna mede-se, assim, pela função que vem a exercer, como propiciadora do fortalecimento de um contingente de consumidores necessários ao mercado da indústria do livro e da cultura, e pelo papel que vem a desempenhar na educação, já que se coloca na base da aprendizagem e acompanha os progressos dessa última durante várias etapas, que se estendem da infância à maturidade de um estudante e, depois, de um profissional, independentemente da classe social ou do grupo profissional a que pertença.

Sendo assim, a leitura, segundo os diferentes estudiosos, se torna imprescindível, pois é considerada uma operação básica e necessária para acessar e construir conhecimento. Logo, isso abarca a questão do letramento escolar, visto que na escola, os alunos desenvolvem capacidades importantes para o exercício da

cidadania. Todavia, sabe-se que mesmo antes de estar na escola, o aluno já tem contato com outros espaços que são objetos de leitura, pois já possui a leitura do mundo que o cerca.

Deste modo, a escola é um dos lugares em que o aluno faz uso das mais diversas formas de leitura. Ela é um dos principais ambientes de auxílio na formação do intelecto da criança, pois é nela que há profissionais aptos em colaborar no desenvolvimento de habilidades e competências. Sendo assim, quando falamos em escola, entendemos por uma instituição de ensino que, além de alfabetizar, proporciona ao aluno diferentes práticas de letramento, a fim de ele ir além da decodificação, conseguindo fazer a sua própria interpretação e podendo se posicionar.

De acordo com Zilberman (2009), seja de forma individual ou coletiva, a habilidade de ler se torna o primeiro passo para a liberdade, pois é por meio dela que é possível assimilar diferentes bens culturais e materiais disponíveis na sociedade. Deste modo, quando notada a contribuição que a leitura traz, o aluno, geralmente, começa a demonstrar interesse e a contribuir positivamente com a aula, investindo no aprimoramento das suas habilidades de leitura. Mas, para que isso aconteça, é necessário que a escola trabalhe de forma planejada, segundo a autora (2009). Ela diz ainda que a escola pode fazer com que o aluno esteja habilitado à leitura e se torne um leitor, mas se esta falhar pode ser que o aluno perca o interesse e se afaste de qualquer leitura. Por isso é tão importante que as aulas de leitura sejam pensadas com antecedência, e não sejam mais tratadas apenas como algo que “preencha o tempo” até que a aula termine, mas sim como uma prática social relevante que trabalhe realmente o texto, que o foco seja os sentidos construídos.

Ou seja, mesmo que algumas pessoas ainda pensem na atividade de ler como algo em que o aluno estará como um simples receptor de informações, e nada além disso, a verdade é que o contato com a leitura pode sim ultrapassar essa ideia tradicionalista de ensino, tornando o aluno um leitor crítico e reflexivo. Afinal, todos nós somos leitores com interesses específicos, e a escola pode lapidar esses conhecimentos prévios, introduzindo vários outros e refinando-os.

2.1 Letramento escolar

O termo letramento é proveniente de uma concepção ampliada em relação ao domínio da escrita, considerando as práticas formais e informais. A partir dessa ótica, compreende-se que a escola, quando alfabetiza letrando o aluno, propiciará que ele interaja nas mais diversas práticas sociais. Soares (1998, p. 107) ressalta que:

Letramento é muito mais que simplesmente decifrar códigos, ele é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita.

Os estudos na área do letramento se baseiam nas diversas práticas de leitura e escrita em diferentes contextos sociais. Kleiman (1995, p.18-19) diz que: “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos [...]”. Ademais, a autora também se refere ao termo letramento como algo amplo que ultrapassa o espaço escolar, pois na escola apenas algumas práticas de letramento são utilizadas, mas fora dela outras experiências de escritas são vivenciadas.

De acordo com Justo e Rubio (2013, p. 5), “O letramento dos alunos é importante para a conquista da cidadania, pois o indivíduo letrado é capaz de se instruir por meio da leitura e de selecionar, entre muitas informações aquela que mais interessa a ele”. Por conseguinte, compreende-se a importância do letramento escolar, visto que o domínio da leitura é essencial, pois esta é sempre uma ponte para um mundo de aprendizados, conhecimentos outros que sempre levam a pensar sobre diversos pontos ainda não conhecidos, mas desejados, fazendo com que o leitor reflita e aprenda.

Alguns autores mencionam frequentemente sobre a importância do letramento escolar, uma vez que ele, no Brasil, surge inicialmente com o termo em inglês “literacy”, com a sua influência no ensino. Deste modo, Zilberman (2009, p. 27-28) diz que:

Alfabetização e letramento, portanto, carregam consigo dois movimentos paralelos e, como a escola, deflagram possibilidades de ação, que se estendem de uma meta emancipatória, rumo a uma afirmação de uma atitude autônoma do indivíduo ao exercício de uma dominação, quando dirigida à aprendizagem de regras e condutas preestabelecidas. Todavia, a alfabetização, e na sequência, o letramento associam-se ao ato de ler e, sendo esse resultado o produto mais importante da ação da escola nos primeiros anos de formação de uma pessoa (...).

Então, quando falamos de meta emancipatória, nos referimos à escola possibilitar ao aluno esse papel de leitor autônomo, em que o aluno não apenas conseguirá entender o texto, mas a relação deste com o mundo a sua volta. Uma vez que poderá agir de maneira ativa, sendo capaz de buscar as suas próprias fontes e interagir com elas, sendo assim, a valorização da leitura promove, ainda mais, a inserção do aluno na cultura letrada da qual faz parte. Ademais, sabemos que vários tipos de letramentos estão presentes em nossa sociedade, seja o letramento acadêmico, letramento digital, letramento escolar, entre tantos outros; por isso, falamos sobre os múltiplos letramentos. Paulino e Cosson dizem que:

Letramento não pode ser singular, mas sim plural, pois há tantos letramentos quanto as práticas sociais e os objetos que enformam o uso da escrita na nossa sociedade letrada, como se observa no uso do termo em expressões tais como letramento financeiro ou letramento midiático, para indicar competência da leitura e interação social associada a escrita e até para além dela. (2009, p. 65)

Partindo desta concepção de letramento, e entendendo o caráter amplo que ele possui na sociedade, O letramento escolar é um dos diversos tipos de letramentos existentes e a alfabetização, por sua vez, é o processo sistemático de ensino da escrita, caracterizado como uma realização dentro de tantas outras possibilidades previstas no letramento escolar. Deste modo, o letramento vai além do processo de ensino do código da escrita, ele se ocupa da função social dos usos, entendendo a linguagem como uma prática social que precisa ser utilizada em diversos contextos de maneira adequada.

3. O PAPEL DO PROFESSOR NAS AULAS DE LEITURA

Os anos se passaram e o olhar sobre o papel do professor mudou, antes alguém que apenas repassava conteúdo e os alunos reproduziam, ou até mesmo de exercícios que eles tinham que memorizar para atividades avaliativas. Hoje o papel do professor vai muito além disso. Tendo em vista isso, compreende-se que são muitos os desafios que fazem parte do contexto educacional e o mais comum deles é a prática leitora dos educandos.

Nesse sentido, o professor é o grande mediador no processo contínuo de aprendizagem no espaço escolar, pois é sua responsabilidade criar possibilidades para que seus educandos consigam aprender o conteúdo. Deste modo, o professor precisa fazer uso dos seus conhecimentos teóricos e metodológicos que possam instigar a curiosidade dos alunos na aula. Além disso, ele também contribui para que o aluno perceba as oportunidades que a leitura pode trazer para a sua vida como leitor.

Mas, para que isso aconteça, o professor deve conhecer seus alunos, mantendo-se atento às demandas que eles apresentam, visto que cada um já vem com uma bagagem de saberes e práticas, assim como dificuldades específicas para lidar com a leitura. Além disso, vale ressaltar também que, na maioria das vezes, a leitura não é realizada em casa e, por isso, o aluno não sente afeição em desenvolver a sua leitura. Então, esta atividade recai sobre a escola, o ofício de fazer com que o educando não apenas leia e consiga interpretar, mas que também goste da prática da leitura, seja ela em casa, na própria escola ou em outros contextos.

Segundo Freire (1999, p.29), “[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz de sua tarefa docente, não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. Então, ser professor não é apenas passar conteúdo na aula, mas fazer com que o aluno reflita sobre o que foi lido, podendo fazer conexões com a sua vida e com os seus pensamentos. Sendo assim, Martins (1984, p. 34) acrescenta:

A função do educador não seria precisamente ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Ou seja, o professor assume a responsabilidade de incentivar o aluno a entrar no mundo da leitura, enfatizando a importância que o livro possui e despertando o gosto de ler. Sobre a importância de planejar esse despertar, Coelho (2002, p.13) declara:

Constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. O roteiro possibilita transformar o improviso em técnica, fundir teoria à prática. [...]

Então, o planejamento também faz parte da vida do professor, e planejar é fundamental, uma vez que é deste roteiro que ele vai elaborar os seus métodos de aula e pensar como irá aplicar o conteúdo na turma que leciona. O conteúdo selecionado para o trabalho da leitura tem um importante papel no desenvolvimento de como a aula vai ocorrer. O professor tem que procurar meios para chamar a atenção das crianças entendendo que o momento da leitura é fundamental, uma vez que é através desse exercício que elas poderão entender, de forma mais crítica, o mundo à sua volta.

Deste modo, inicialmente o professor deve estimular o pensamento crítico do aluno durante as suas aulas. Com isso, vem a necessidade de se colocar debates em aula de leitura, visto que se trata de um procedimento metodológico fundamental para criar meios de inserir a conversação entre os alunos e entre os alunos e professor, e fazer com que exponham as suas opiniões e dúvidas, pois, conforme afirmam Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 46), “Eles são naturalmente questionadores e têm grande prazer em discutir coisas como essas, principalmente se o(a) professor(a) conseguir manter um clima de urbanidade na sala de aula. Os debates orais são de grande valia para isso.”. Ou seja, a utilização de debates em sala de aula é preciosa para o estímulo da argumentação e do pensamento crítico do educando sobre o que foi lido. De acordo com Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 90),

A essência do trabalho com habilidades de leitura está em desenvolver nos alunos as capacidades de produzir sentidos a partir dos textos que

eles leem. O(a) professor(a) deverá trabalhar todas as habilidades necessárias, mas de forma gradual e acumulativa.

Deste modo, é necessário que o professor escolha bem o material que será utilizado em sala de aula. Além disso, assim como a leitura fora do espaço escolar deve ser prazerosa, a leitura dentro de sala de aula também, pois só assim o aluno poderá se sentir envolvido.

Fica claro, diante do exposto, a importância de uma boa leitura e a importância do modo como o professor vai lidar com os textos em sala de aula. Todavia, o professor deve, antes de tudo, ser um leitor, pois, de acordo com Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 89): “Antes de iniciar um trabalho com texto, o(a) professor(a) precisa ser um leitor, no sentido mais amplo e pleno da palavra.”. O docente deve conhecer o material que vai trabalhar, procurar meios para tornar a aula interessante e principalmente saber “manusear” o texto com as suas habilidades de leitura como um leitor competente e como professor que possui a sua própria didática.

Através de seus conhecimentos, o professor tem que promover também a participação em suas aulas, uma vez que o engajamento faz toda a diferença, mesmo que seja um trabalho difícil chamar a atenção dos alunos e fazê-los participarem, faz-se necessário que os professores procurem meios para isso. Sobre isso, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) aponta que a participação constante dos alunos em atividades de leitura ajuda na ampliação do repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados quando expostos a novos textos. Deste modo, o aluno fará uso de seus conhecimentos prévios para estabelecer conexões com os novos materiais.

Ademais, é importante que o educador incentive nas suas aulas a leitura na íntegra, pois a fragmentação do texto, segundo Paulino e Cosson (2009), não cobre as especificidades da leitura individual de cada aluno. Por isso é tão importante compreender o papel do professor no que diz respeito à leitura, pois ela ocupa um papel de grande relevância no desenvolvimento cognitivo do educando.

Sendo assim, o professor assume a função de agente de letramento, pois, de acordo com Kleiman (2006), ele se envolve em questões ligadas à aquisição e ao uso da leitura e da escrita. Além disso, a autora (2007) ressalta que o agente de letramento

consegue unir os interesses dos aprendizes, ajudar nas decisões sobre determinados cursos de ação, interagir com outros agentes (ex. professores e coordenadores) de forma planejada e modificar seus planos de ação de acordo com as necessidades do grupo. Nesse sentido, dialogamos com as sábias palavras de Freire (2000):

Mudar o mundo é tão difícil quanto possível. O educador não deve só ensinar bem sua disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social e política do meio em que vive, mostrar que o homem é um ser social capaz de intervir no mundo e não de se adaptar a ele. Ele pode transformar o mundo através de projetos, sonhos e utopias.

O professor tem a capacidade de instigar seu aluno a pensar, de criar sonhos para que este saia da sua zona de conforto e vá além daquilo que poderia imaginar. Uma das características do professor é ser inspiração e exemplo para seus alunos, não apenas no que se refere a conteúdos, mas também no conhecimento de mundo, até porque uma boa parte da vida do estudante está centrada na escola. Assim, o professor se eterniza na vida do aluno quando torna o ensino prazeroso e significativo.

3.1 A LEITURA POR PRAZER

Sabe-se que muitos alunos não gostam de praticar a leitura nas aulas, por considerá-la cansativa, enfadonha e, até mesmo, trabalhosa demais, mas o fato é que essa é a parte importante da prática, visto que a leitura requer atenção e dedicação de paciência e tempo para ser produtiva.

Esse convite à leitura é sempre um desafio para o aluno, pois a leitura do texto exige que ele tente participar, construir sentidos possíveis a todo o momento, que encontre significados também com relação ao seu mundo. Além do mais, é esperado por eles que a leitura seja trabalhada como algo prazeroso, e não como uma obrigação; e que principalmente a ela um sentido seja dado, uma vez que o trabalho com o texto é frequentemente ligado apenas às aulas de gramática, e não também às de literatura e produção textual como de fato deveria acontecer.

Desse modo, cabe ao educador saber manusear os seus conhecimentos e colocá-los em prática de maneira planejada e aos poucos, para que os alunos possam

ir tomando conhecimento do que ele pretende fazer nas aulas, evitando surpreender os alunos com uma leitura rápida e equivocada. Ou seja, como o professor é alguém que possui conhecimento e formação, ele é capaz de guiar os seus alunos nessa atividade de maneira eficiente e produtiva.

Os autores Ferrarezi e Carvalho (2017) destacam que é nos anos iniciais do ensino fundamental que as crianças adquirem o gosto pela leitura, começando pela experiência estética com o livro. Logo, nesta segunda fase, eles sentirão as questões mais intuitivas com relação à leitura do texto, como questões de interpretação, inferir, comentar etc. Já com relação à segunda fase do ensino fundamental, os alunos são naturalmente questionadores diante do texto, segundo os estudiosos.

Em suma, uma aula de leitura, quando bem aplicada em contexto escolar, traz benefícios para a aprendizagem fazendo com que os educandos aprendam de uma maneira eficaz. Nesse processo, o professor pode também observar a realidade de cada um e adequar as suas aulas de acordo com o perfil dos discentes, não ignorando aquilo que eles já sabem, mas sim acrescentando ainda mais conhecimentos e, deste modo, as suas aulas poderão contribuir efetivamente como processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, apesar de existirem muitas sugestões de incentivo à leitura, colocar em prática não é tão fácil assim, visto que depende de uma série de fatores. Logo, os professores, principalmente os de língua portuguesa, tomam a responsabilidade de pensar em alternativas para que as práticas de leitura se tornem um hábito prazeroso, em oposição ao tratamento oferecido em algumas realidades, como castigo, a exemplo de crianças que eram/são punidas com lições de leitura durante o recreio ou ao fim da aula.

Outra crítica é feita sobre a leitura como algo obrigatório, como uma desculpa para fazer outros tipos de atividade em que o foco não está no texto. Geraldi (1984, p. 86) diz que:

A fruição, o prazer estão excluídos (...). A escola, reproduzindo o sistema e preparando para ele, exclui qualquer atividade não rendosa: lê-se para preencher uma famigerada ficha de leitura, para se fazer uma prova ou até mesmo para se ver livre da recuperação.

Nesse contexto da leitura como mera obrigação escolar, o gosto, o prazer pela leitura não era algo que fazia parte do desenvolvimento das ideias dos planos de aula dos professores, posto que se tratava de uma simples atividade que os alunos tinham que realizar. Vale destacar que a imposição da leitura nas aulas é uma atitude que pode atrapalhar o gosto pela leitura, visto que este surge a partir de incentivos, provocações. Ao sentir prazer na leitura, os alunos podem criar o hábito e aproveitar cada oportunidade para ler e ouvir e, assim, se deleitarem nas atividades escolares. Importante salientar que a escola não pode obrigar os alunos a gostarem de ler, mas pode e deve criar possibilidades para que esse gosto seja cultivado.

Sobre o texto de prazer e o texto de fruição, Barthes (1996, p. 21) afirma que

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.

Sendo assim, além do texto de prazer que provoca no educando estímulos e gosto para a leitura, temos o texto de fruição que retira do discente o prazer que a leitura proporciona, esse é um modelo “primitivo” de uma educação que não desperta no aluno a criticidade, não o envolve na sua realidade, acaba se tornando um texto enfadonho e sem sentido para o estudante, dessa forma acaba dificultando a sua aprendizagem. É preciso pensar em alternativas que despertem a vontade de ler, escrever, pesquisar constantemente e assim proporcionar mais engajamento com os conteúdos abordados, até porque quando se adquire conhecimento o aluno tem mais confiança em si mesmo.

Antes de tudo, o professor deve buscar aproximar os alunos do livro, possibilitar essa aproximação entre leitor e livro de forma que a leitura esteja sendo agradável. Então, primeiro o professor deve demonstrar algum tipo de sentimento pela leitura, pois isso será transpassado no modo como ele lida com a sua aula. Logo, a leitura em sala de aula só vai conseguir sair da visão de algo forçado e cansativo, quando houver essas mudanças, pois, a aula de leitura como algo obrigatório, geralmente, não possibilita o desenvolvimento do gosto pela atividade de ler, pelo contrário, apenas causa aversão às práticas de leitura na escola. Rocco (1996, p. 116) diz que:

Um trabalho satisfatório nessa área só poderia acontecer se os professores gostarem de escrever e se, acima de tudo, forem bons leitores. Um professor que não leia, que não produza seus textos, dificilmente conseguirá trabalhar a leitura e a escrita com sucesso.

Então, ainda que seja considerado como um dos grandes estimuladores da leitura por prazer, o professor muitas vezes não tem o apoio da escola no tocante à realização de suas ações e às condições de trabalho. Diante desse quadro, é necessária não só a adoção de medidas para a formação do aluno leitor, mas também para o professor-leitor, visto que é, geralmente, por meio dele que os alunos irão se sentir bem com a leitura e tomar o gosto pela prática leitora.

4. METODOLOGIA

Neste capítulo serão abordadas a natureza da pesquisa e sua tipificação quanto à abordagem, aos objetivos e aos procedimentos. Essas escolhas metodológicas possibilitaram analisar o papel do professor de língua portuguesa como agente de letramento na construção dos hábitos leitores dos alunos no ensino fundamental II.

4. 1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa é de natureza aplicada, visto que, segundo Prodanov e Freitas (2013), possui como objetivo criar conhecimentos acerca de algum assunto com a aplicação prática da ciência. Já com relação à abordagem da pesquisa, buscou-se utilizar a qualitativa, pois, de acordo com os autores, considera que existe uma relação entre o mundo real e o sujeito.

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador (p. 70).

Para a realização deste estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a primeira é construída a partir de um material já publicado, como, por exemplo: livros, revistas, artigos científicos, dentre outros, contribuindo para a fundamentação teórica deste trabalho e possibilitando, assim, um entendimento maior sobre o assunto a ser estudado; e com relação à segunda tipificação, esta tem como objetivo obter informações sobre um problema para o qual buscamos resposta, hipótese que queremos comprovar ou até mesmo descobrir novos fenômenos. Além disso, a pesquisa de campo consiste na observação dos fenômenos de forma espontânea.

Além disso, a pesquisa é de teor exploratório, isto é, tem como objetivo trazer mais informações sobre o assunto investigado, possibilitando a definição e o

delineamento do tema, além de fixar os objetivos e a formulação das hipóteses, podendo até descobrir um novo enfoque para o assunto (PRODANOV; FREITAS, 2013). Sendo assim, este tipo de pesquisa possibilita mais familiaridade sobre o assunto estudado: o professor como um agente de letramento no processo de ensino e aprendizagem da leitura.

4.2 Instrumento de Coleta de Dados

A coleta de dados se deu através de questionário, que, conforme afirmam Prodanov e Freitas (2013, p. 108), consiste em “uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante (respondente)”. Sendo assim, a coleta iniciou-se com o questionário produzido e aplicado por meio do aplicativo Google Forms, o qual apresentava uma série de questões relacionadas ao perfil profissional do professor, às suas metodologias de ensino de leitura e questionamentos sobre as suas opiniões.

Quadro 1. Questionário Ensino de leitura nas aulas de Língua Portuguesa

ETAPAS DO QUESTIONÁRIO	PERGUNTAS
Anuência do/a colaborador/a	Você concorda com os termos da pesquisa?
Perfil socioprofissional do/a colaborador	I. Qual o seu nível de escolaridade? II. Com relação à/s pós-graduação/ões, especifique: III. Você atua como professor de Língua Portuguesa na: rede pública, rede partícula ou outros. IV. Quantos anos de experiência como professor/a de Língua Portuguesa no ensino fundamental II? V. Em quais turmas você leciona?
Práticas de leitura	1. Para você, qual é o papel da leitura em sala de aula? 2. As práticas de leitura em sua/s sala/s de aula são realizadas a partir de:

	3. Quais os tipos de leitura você desenvolve em suas aulas? 4. Você prevê e especifica as práticas de leitura nos seus planos de aula? 5. Com relação à frequência das práticas de leitura em suas aulas, você afirmaria que são: 6. Quais os principais desafios encontrados para inserir os alunos em práticas de leitura? 7. Você se considera um leitor proficiente, ou seja, aquele que constrói os sentidos e age criticamente diante da leitura?
--	---

Fonte: A autora (2021)

Além disso, a escolha do questionário virtual deve-se ao atual contexto pandêmico da Covid-19, exigindo o distanciamento social. Desse modo, o uso da ferramenta virtual possibilitou o acesso de qualquer lugar e horário para os entrevistados que aceitaram participar da pesquisa. Ademais, as perguntas eram voltadas para a importância da leitura no ensino e principalmente sobre o que ele/a, como professor(a), faz em suas aulas para possibilitar uma aprendizagem focada nas práticas de leitura em sala de aula.

Logo, através das perguntas feitas e das respostas obtidas, esperou-se chegar à conclusão do papel que o professor exerce no contexto das ações que desenvolve nas suas aulas, os seus planejamentos e até mesmo os desafios enfrentados no contexto escolar.

4.3 Colaboradores

Os sujeitos colaboradores foram os professores de Língua Portuguesa que atuam no ensino fundamental II, tanto da rede particular quanto da rede pública, totalizando vinte (20) docentes que aceitaram participar da pesquisa. Estes com idade variando entre 24 e 54 anos de idade e com diferentes graus de formação/escolaridade: desde a graduação em andamento, especialização, mestrado e, até mesmo, doutorado.

Sendo docentes com formação em Linguística (8), Literatura (5), Educação (2), Psicopedagogia(1), ProfLetras (1), Língua Portuguesa (1), Metodologia do Ensino da

Língua portuguesa e literatura (1) e Língua e Linguagem (1). Já com relação ao tempo de experiência como professor de língua portuguesa no ensino fundamental II: entre menos de 1 ano a mais de 20.

4.4 Sistemática da análise dos dados

A análise de dados aconteceu a partir das respostas que obtivemos com o questionário aplicado através do aplicativo Google Forms. Inicialmente buscou-se identificar o perfil de cada um dos docentes na entrevista, em que foi questionado o nível de escolaridade, o tempo de experiência de ensino em língua materna (Português) no ensino fundamental II, a graduação e a pós-graduação, se ensina em rede pública ou particular e as turmas que leciona. Logo depois, foram feitas perguntas sobre o tema em questão.

Além do mais, não foi perguntado o nome dos professores, a fim de preservar a identidade deles. Logo foi feita também a interpretação dos dados a partir das contribuições dos teóricos abordados ao longo da pesquisa. Sendo assim, com o propósito de analisar os dados obtidos, organizamos as respostas em quadros a fim de que ficasse mais compreensível o entendimento da nossa abordagem.

Com relação aos gráficos utilizados, estes foram colocados para uma melhor visualização do percentual de respostas obtidas com o questionário, assim, com a análise foi possível chegar ao resultado da pesquisa.

Logo, para dar continuidade a esta pesquisa, partiremos agora para as análises das respostas dos professores, fazendo uma relação entre os aportes teórico-metodológicos e o dizer docente. Desta maneira, buscando encontrar as semelhanças ou, até mesmo, divergências entre os saberes e as práticas discutidas ao longo deste trabalho.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão analisadas as respostas dos professores acerca da formação do aluno leitor, as quais foram obtidas a partir do questionário aplicado para os colaboradores por meio da ferramenta Google Forms. Este questionário é composto de 6 questões sobre o perfil profissional do docente, que possibilitaram a construção da seção 4.3 Colaboradores (p. 31), e 8 sobre as suas práticas de ensino, sendo algumas perguntas abertas e outras de múltipla escolha voltadas para a prática da leitura na escola.

Logo, seguem as questões a serem analisadas. Para melhor caracterizar a análise de dados, esta foi feita através de seleções das respostas obtidas e organizadas de forma sintetizada à luz do embasamento teórico utilizado.

5.1 Papel da leitura em sala de aula

Para conhecer mais sobre a importância da leitura, na primeira questão do questionário foi feita uma pergunta aberta sobre o papel da leitura. Os professores participantes responderam da seguinte forma:

Quadro 2. Qual o papel da leitura em sala de aula?

Agrupamento das respostas	Quantidade e percentual de respostas	Exemplos
Desenvolver o pensamento crítico e autonomia do educando	60%	“Um papel de suma importância, na qual é por meio dela que o aluno pode posicionar-se de maneira crítica sobre diferentes assuntos. Ou seja, a leitura permite ter várias visões de mundo.” “A leitura tem um papel fundamental na vida de cada estudante. Por meio da leitura é possível ampliar os horizontes do conhecimento e fazer com que os estudantes ajam com autonomia na sociedade.” “Fundamental. Abre horizontes, permite a ampliação do repertório cultural, é ponte para discussões importantes e possibilita a formação de habilidades e competências linguísticas.”

		“Ampliação de percepção de várias realidades, atenção, prática de leitura e de escuta.”
A leitura como um ponto de partida	40%	“É de suma importância que o aluno tenha constante contato com a leitura, afinal, ela é responsável pela percepção, escrita, compreensão, entre outros.” “Acredito que seja o ponto de partida para se chegar na excelência de todas as disciplinas.”

Fonte: A autora (2021)

Sobre o tópico 1 do quadro (2), “Desenvolver o pensamento crítico e autonomia do educando”, os docentes evidenciaram que a prática da leitura amplia os horizontes e a percepção sobre várias realidades, dentre um grande número de vantagens que a leitura propicia para a vida dos alunos, tanto pessoal quando estudantil. Além disso, também citaram o ganho da autonomia, pois além de conseguir atingir as habilidades exigidas como leitor, podem também melhorar as suas habilidades na escrita, e terá consequentemente um vocabulário enriquecido de palavras. Sobre esses aspectos, os autores Alliende e Condemarim (2005, p. 19) dizem que

A leitura num plano pessoal proporciona experiências por meio das quais o indivíduo pode expandir suas limitações, identificar e estender seus interesses, obter conhecimentos mais profundos de si mesmo de outros seres humanos e da sociedade em que vive.

Ou seja, a prática da leitura se torna tão significativa pelo modo como ela está inserida em nosso mundo, que as pessoas conseguem certa visibilidade social ao dominar satisfatoriamente essa habilidade. Deste modo, o ensino da leitura propicia aos alunos (leitores em formação) a oportunidade de se inserirem no meio social.

De acordo com Zilberman (2009, p. 27), “seja no âmbito coletivo, seja no plano individual, a conquista da habilidade de ler é simultaneamente o primeiro passo na liberdade, de uma parte e de outra, para a assimilação dos valores da sociedade”. Portanto, o aprendizado da leitura vai além dos muros da escola, ele ultrapassa todo o caráter formal do ensino e se faz presente no cotidiano do aluno.

Sobre o tópico “A leitura como um ponto de partida”, destacamos o papel amplo que a leitura exerce em nossa sociedade, visto que ela não é apenas necessária nas aulas de língua portuguesa, mas também possui relevância nas outras disciplinas. Contudo, o ensino desta recai apenas no professor de língua portuguesa, como se ele fosse o único responsável por estimular a prática leitora dos educandos.

Contudo, sabemos que os professores das outras disciplinas precisam problematizar e estimular a leitura dos alunos também, uma vez que eles necessitam de que os estudantes estejam aptos a lerem o material da aula e interpretá-lo da maneira correta. Ferrarezi e Carvalho (2017) dizem que inclusive os professores das outras disciplinas necessitam analisar com atenção os textos que levam para as suas aulas e não os façam se tornar pretextos para ensinar outras coisas que não seja a leitura propriamente dita.

Sendo assim, mesmo que muitas vezes o peso da aula de leitura seja dado ao professor de língua portuguesa, este não é o único agente de letramento responsável por saber lidar com a construção de sentidos que acontecem durante o processo de ensino. A cooperação de todos é o único caminho para uma aprendizagem efetiva do ensino de leitura.

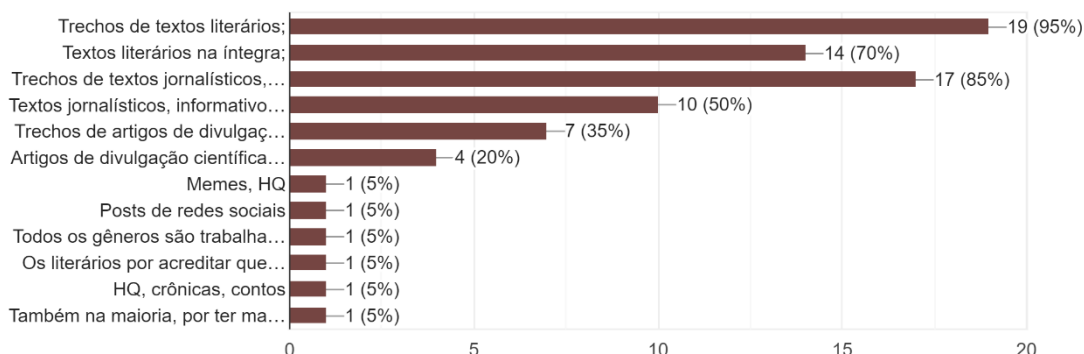
5.2 Práticas de leitura em sala de aula

Sabendo que as práticas de leitura são um fator importante no momento de aplicar o conteúdo na aula e criar um momento de aprendizagem para os alunos, entende-se que, para que isso aconteça, a escolha do material adequado é imprescindível, por isso, foi questionado aos(as) professores(as) qual o tipo de material que eles utilizavam na aula.

Gráfico 1. Práticas de leitura em sala de aula

2. As práticas de leitura em sua/s sala/s de aula são realizadas a partir de:

20 respostas



Fonte: A autora (2021)

Analisando os dados do gráfico 1, é possível perceber que 95% dos professores fazem uso de trechos literários, sendo justificado por alguns da seguinte forma:

“O motivo é justamente a falta de acesso à textos literários para se fazer a leitura na íntegra, como também, não é viável e nem coerente a utilização de xerox. Além de nos deparar com a recusa de vários alunos na proposta da leitura de um livro por completo.”

“As vezes, pela questão do tempo e extensão de algumas obras e textos, é necessário o trabalho com trechos deles.”

As justificativas dos professores evidenciaram que existe uma falta de apoio no espaço educacional para implementar recursos didáticos nas suas aulas e poderem fazer com que elas se tornem mais atrativas para os alunos, desta forma podendo criar possibilidades para que houvesse mais participação e, conseqüentemente, colaboração. Entre os impedimentos, um dos professores mencionou a inviabilidade da xerox. Sabemos que não são todos os alunos que dispõem de uma condição financeira que possa sustentar essa prática da cópia e algumas escolas também não podem, e isso acaba afetando o desempenho do professor de uma forma negativa, tendo em vista que o limita a optar por uso de trechos literários que o próprio livro didático possui.

Portanto, com essa limitação existente, cabe ao professor saber fazer uso do material que o livro didático oferta, buscando contornar a situação e fazer com que a aula possa continuar cumprindo com o propósito inicialmente pré-estabelecido no plano de aula. Nesse sentido, com a falta de recursos muitas vezes empobrece o planejamento de aula e o deixa muito raso, embora muitos professores se esforcem em dar o seu melhor com o pouco tempo de aula e recurso. A autora Freitas (2007, p. 16) diz que:

O discurso impregnado no fazer educativo, que afirma ser o aluno o centro do processo ensino-aprendizagem, não encontra respaldo nas práticas educacionais vigentes. Muitas vezes, a falta de estrutura adequada ou de tempo suficiente para o planejamento das atividades docentes e a ausência de apoio técnico especializado no manuseio e na implementação dos recursos didáticos contribuem para certo abandono ou subutilização dos equipamentos existentes.

Isso é uma realidade presente em muitas escolas, pois sabemos que a falta de apoio é uma das grandes causas do empobrecimento da aula, do aluno não querer participar e do professor não ter tempo suficiente para aplicar algo envolvente tendo que recorrer a usos de velhas práticas, das quais a maioria dos alunos já está cansada. A esse respeito, Paulino e Cosson (2009, p. 73) declaram:

Não tarda, porém, que as obrigações e a própria organização dos tempos escolares impeçam a leitura de maior fôlego e mais intensa que o texto literário requer. No curto tempo da aula, só há espaço para a leitura de textos curtos e simples, os quais tendem a ser explorados com perguntas previamente preparadas que não contemplam a especificidade da leitura individual de cada aluno.

Logo, este é um problema que muitos professores enfrentam diariamente, visto que, com o tempo corrido, não lhes restam muito para explorar textos literários na íntegra, sendo a única saída a leitura de trechos. Além disso, o próprio livro didático, muitas vezes, já apresenta uma pré-interpretação, que é utilizada como um norte a ser seguido pelos que estão fazendo uso do material. Dalvi (2013, p. 92) afirma:

como leitor em formação, vê-se, em geral, constrangido pelo discurso do especialista na área – o autor do livro didático que seleciona,

recorta e interpreta um “paideuma” literário nacional-, legitimado por sua vez, pelo selo editorial e pela escolha do professor (como figura de autoridade) em adotar tal ou qual manual. Se sua compreensão ou percepção de obra literária em questão diverge, só pode ser ele, leitor em formação quem está inadequadamente posto, quem não detém ou dispõe de todas as informações que deveria deter ou de que deveria dispor.

Portanto, a mensagem que o livro didático apresenta, quando não é explorado da maneira correta, é que o aluno tem que seguir plenamente o que nele é proposto, mantendo o mesmo perfil de respostas que a ele é pedido, desse modo não abrindo espaço para as opiniões dos educandos. Além disso, a falta de acesso aos textos na íntegra, mencionado por um dos professores, é um dos grandes problemas encontrados.

Com relação à participação dos alunos nas aulas, os professores também comentaram que existe uma falta de cooperação diante da proposta da leitura de uma obra por completo, então, de acordo com os entrevistados, um dos únicos meios para que as aulas de leitura sejam realizadas é através de trechos literários que o próprio livro didático possui.

Entretanto, de acordo com Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 51), “o livro didático, por mais bem feito que seja, sempre será um recorte diminuto da realidade, montado com fragmentos de fragmentos da vida”. Pois o livro não oferece ideias completas acerca dos textos que estão presentes nele, são pequenos fragmentos com uma linha de raciocínio inacabada, ou seja, é uma leitura incompleta que fica comprometida, uma vez que todos os sentidos ao texto não foram atribuídos, isto é, não se pode interpretar o que acontece na obra lendo apenas pequenos trechos.

Além do mais, a segunda porcentagem maior foi de 85% dos professores entrevistados, que fazem uso dos trechos de textos jornalísticos, informativos, publicitários etc., indicando que os professores optam pelo uso de gêneros que estão mais próximos da realidade dos alunos. Isso facilita na aprendizagem, uma vez que eles conseguem assimilar muito mais rápido os conteúdos. De acordo com Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 117):

trabalhar gêneros variados na escola é uma obrigação do(a) professor (a). Hoje os livros didáticos de modo geral, têm ajudado bastante

nessa tarefa porque trazem boa variedade textual. Mas o(a) professor(a) deve ficar atento e completar essa tarefa com textos locais, especialmente os comerciais (propagandas), aspecto bem fraco nos livros didáticos, principalmente por questões econômicas e de direitos autorais.

Esses gêneros mais locais do tipo publicitários (propaganda) são ótimas ferramentas de ensino, pois estão presentes na nossa sociedade e tem como objetivo persuadir o leitor, prender com facilidade a sua atenção, sendo uma ótima maneira de trabalhar a linguagem do aluno, o seu poder de persuasão, além de estar em contato com várias técnicas de comunicação.

Ademais, Ferrarezi e Carvalho (2017, p.117) dizem que as “propagandas, quadrinhos, charges, cartuns e outros textos dessa categoria têm em comum a utilização concomitante de imagens (desenhos, fotos etc.) e texto verbal”. Sendo assim, esses gêneros exigem dos leitores executarem várias habilidades. Podemos acrescentar outras práticas de leituras presentes na escola, citadas pelos docentes questionados, tais como: memes, HQ, posts de redes sociais, contos e crônicas, dentre outras respostas recebidas. Diante disso, os autores supracitados (2017, p.120) dizem que a “outra habilidade de leitura relacionada ao suporte e ao gênero é a de identificar a finalidade de textos, ou seja, ser capaz de determinar seus próprios comunicativos.”. Desse modo, o aluno, ao se deparar com determinados gêneros textuais, precisa fazer uso da inferência e de seus conhecimentos prévios para que possa compreender a intenção do produtor do conteúdo não literário, como, por exemplo, cartazes de aviso ou placas com símbolos.

Tendo em vista isso, os professores como agentes de letramentos agem como facilitadores na aprendizagem, guiando os alunos nessas tarefas e intervindo da melhor forma para auxiliá-los em seu aprendizado de maneira efetiva. Deste modo, o aluno é capaz de conseguir construir saberes a partir do texto escrito, não ficando apenas com o que é visível aos seus olhos, mas sim indo além, e culminando numa construção do seu entendimento próprio, resultando assim na sua própria opinião através da inferência.

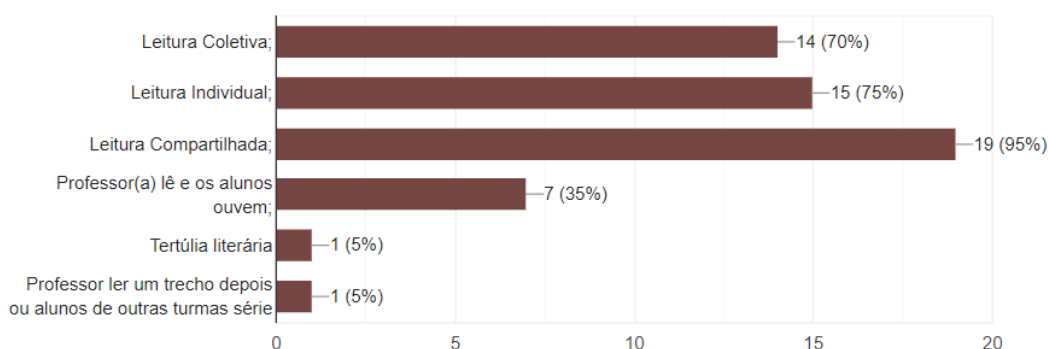
5.3 Tipos de leitura

Com os resultados obtidos sobre os tipos de leitura mobilizados nas aulas, foi constatado que 95% dos entrevistados escolheram a leitura compartilhada como a mais recorrente nas suas aulas; em segundo lugar, com 75%, a leitura individual (conhecida também como leitura silenciosa); em terceiro lugar, a leitura coletiva (também conhecida como leitura em coro) com 70%; e, por último, com 35% a leitura em que o professor lê e os alunos ouvem. Tendo em vista essas porcentagens, compreende-se que a escolha de cada tipo de leitura explora aspectos diferentes, como, por exemplo: aspectos sociolinguísticos, concentração, compreensão, expressividade etc.

Gráfico 2. Tipos de leitura

3. Quais os tipos de leitura você desenvolve em suas aulas?

20 respostas



Fonte: A autora (2021)

Essas diversas formas de trabalhar a leitura em sala de aula contribuem para a formação crítica dos estudantes e tornam as habilidades de ler e associar informações algo interessante e divertido. Assim, a leitura deixa de ser uma obrigação para se tornar um momento prazeroso. E sobre o motivo das suas escolhas, selecionamos algumas das justificativas apresentadas pelos professores:

“Tenho preferência pela leitura compartilhada para buscar a participação dos alunos.”

“A interação entre alunos/alunos e alunos/professor.”

“Porque é uma forma de chamar a atenção do aluno para o hábito de ler. Compartilhada: para haver interação na aula. Uma forma de prender a atenção.”

Nota-se que um dos maiores fatores para terem escolhido a leitura compartilhada é o fato dos alunos participarem também deste momento. É consenso que a participação auxilia no desenvolvimento da aprendizagem do aluno e, neste contexto, com a leitura compartilhada os alunos interagem melhor no ambiente de ensino com o professor, uma vez que já se sabe que a leitura da narrativa chama muito mais a atenção dos alunos. Eles ficam muito mais ativos quando têm que fazer alguma atividade que exija a sua atenção, criando um momento rico entre quem lê e quem ouve.

Nos PCN (BRASIL,1998, p. 72), a leitura compartilhada é chamada de leitura colaborativa, sendo definida como “uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre os índices linguísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos.” Então, com a mediação do professor, os alunos trabalharão diversos tipos de habilidade, principalmente a leitura crítica, pois, ao expor seu ponto de vista, as suas opiniões, eles se sentem parte desse processo de aprendizagem.

Sobre a leitura individual (silenciosa), em que foi constatado que 75% dos professores entrevistados a utilizam em suas aulas, Kleiman (2016) diz que as leituras feitas tanto pelo professor quanto pelos alunos cumprem os objetivos de serem usadas como modelo e de criar contextos de aprendizagem. Já Cosson (2018) diz que mesmo que seja realizada de maneira solitária, nunca deixa de ser solidária, pois mesmo que seja realizada sozinho, está se torna uma atividade social.

Outro tipo de leitura mencionada na pesquisa, que 75% dos docentes relataram utilizar, é a leitura coletiva (em coro) que, de acordo com Viana e Borges (2016, p. 39):

(...) ajuda a desenvolver a fluência ao mesmo tempo que proporciona a colaboração entre alunos e modelagem por pares. Podem usar-se algumas variantes de leitura em coro: a) Um aluno ou o professor lê o texto e todos leem o refrão (se ele existir); b) Grupos de alunos leem diferentes excertos, parágrafos ou estrofes e, no final, todo o grupo lê o parágrafo ou a estrofe final; c) Nos textos narrativos com diálogos, grupos de alunos leem como se fossem as personagens; d) Com a

turma dividida em dois grupos, um grupo lê um parágrafo e o outro responde a uma pergunta sobre ele.

Este tipo de leitura promove a participação, bem como a interação entre os alunos, uma vez que estes terão que ficar atentos à leitura de seus colegas para que possam prosseguir no mesmo ritmo o exercício de ler. Já com relação à leitura em voz alta feita pelo professor, cada vez menos frequente com o avançar dos anos, resultou, nesta pesquisa, em um total de 35% dos professores que a utilizam em suas aulas.

Outro tipo de leitura realizada por um dos professores colaboradores é a Tertúlia que, segundo Andrade e Pereira (2017, p. 6), ocorre da seguinte forma:

as pessoas participantes escolhem, dentro das possibilidades oferecidas pelo mediador, uma obra de literatura a ser lida. A escolha é feita por consenso e não por votação, a partir do exercício da argumentação. Deve-se deixar claro que o que prevalece é o melhor argumento em torno da obra citada. Depois da escolha, em uma roda, cada participante lê, em voz alta, trechos da obra, de forma sequencial. Depois cada participante destaca o que mais tenha gostado ou não, explicitando o porquê daquele trecho lhe ter sido significativo ou mesmo socializando uma dúvida que a leitura lhe despertou. Não se obriga nenhum participante a ler ou a comentar a obra, porém, é essencial que se estimule a leitura a cada encontro, até que todos possam adquirir coragem de participação.

Este tipo de leitura faz com que os alunos aperfeiçoem as suas habilidades de persuasão ao tentar convencer o professor e os seus colegas de classe a escolherem a sua sugestão de obra. Além disso, esse tipo de leitura foi colocado como um acréscimo nos comentários da pesquisa, mostrando assim que os professores estão utilizando outras formas de ensino além das convencionais para atingir os objetivos escolares de formar leitores proficientes.

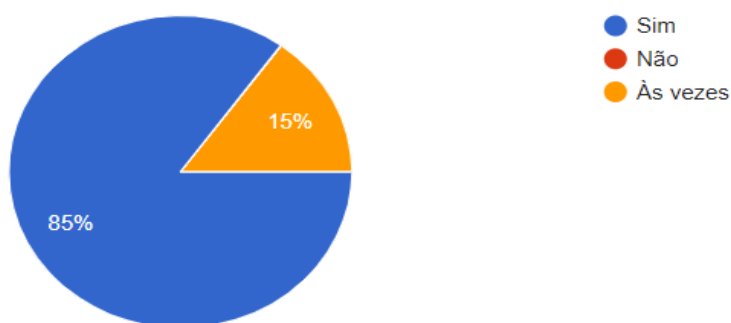
5.4 Práticas de leituras no plano de aula

Como resultado da pesquisa sobre a prática de leitura prevista pelo professor no plano de aula, obtivemos que 85% dos professores entrevistados preveem e especificam as aulas de leitura e apenas 15% responderam que não.

Gráfico 3: A leitura no plano de aula.

4. Você prevê e especifica as práticas de leitura nos seus planos de aula?

20 respostas



Fonte: A autora (2021)

Analisando este gráfico, podemos refletir que os professores consideram as práticas de leitura a partir da elaboração do plano de aula. Sobre esse dado, inferimos que eles devem considerar diversos aspectos específicos, como o público-alvo, os recursos que serão necessários e o tempo de aula a ser destinado a cada atividade. Tudo isso faz com que o professor consiga se programar para que o conteúdo planejado consiga atingir o objetivo almejado daquela aula.

Sobre isso, Gomes (2011, p. 5) diz que “O professor ao planejar o trabalho deve ter uma familiaridade com o que deseja aplicar de modo que possa selecionar os recursos, o método e a avaliação mais coerentes com a situação vivenciada.”. Logo, o professor deve conhecer o material o qual deseja utilizar para que possíveis dúvidas dos alunos sejam respondidas e esclarecidas durante a aula.

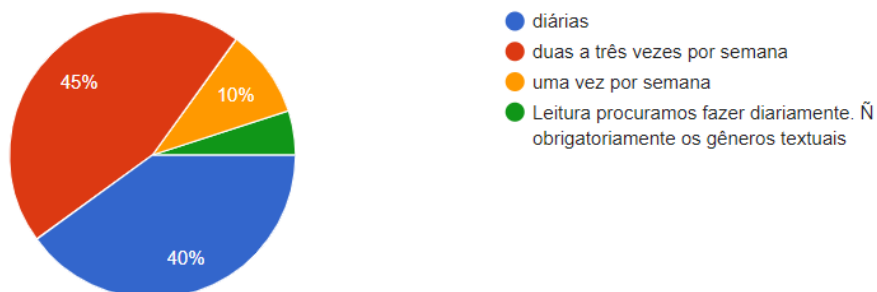
5.5 Frequência das práticas de leitura nas aulas

Com relação à frequência das aulas de leitura, 45% dos professores responderam ser de duas a três vezes por semana, 40% disseram ser diárias (frequente), 10% relataram que fazem uma vez por semana e um dos entrevistados comentou na opção “Outro”, que procura fazer diariamente.

Gráfico 4: Frequência das práticas de leitura nas aulas

5. Com relação à frequência das práticas de leitura em suas aulas, você afirmaria que são:

20 respostas



Fonte: A autora (2021)

Como já foi mencionado, é no plano de aula que os professores poderão prever como serão realizadas as atividades, então, é neste documento que a frequência precisa ser explicitada. Visto que, assim como numa aula de idiomas, o aluno precisa estar em contato frequentemente para aprender as suas especificidades e ganhar mais intimidade com a língua, no ensino de leitura nas aulas de língua portuguesa é imprescindível práticas recorrentes e diárias.

O aluno precisa estar em contato com o material para que sejam trabalhadas as habilidades de leituras exigidas atualmente, não só a leitura do código, como também a de debater expondo a sua opinião, inferir, interpretar e conseguir estabelecer relações com um ou mais textos lidos. Segundo Spudeit (2014, p. 5-6), “(...) o controle do tempo ajuda o professor a se orientar sobre quais etapas ele poderá se deter mais.”. Então, o tempo de leitura deve ser bem pensado para que, ao fim do período, letivo o professor tenha conseguido contribuir com o desenvolvimento das habilidades do aluno como leitor em formação.

5.6 Os desafios de inserir os alunos nas aulas de leitura

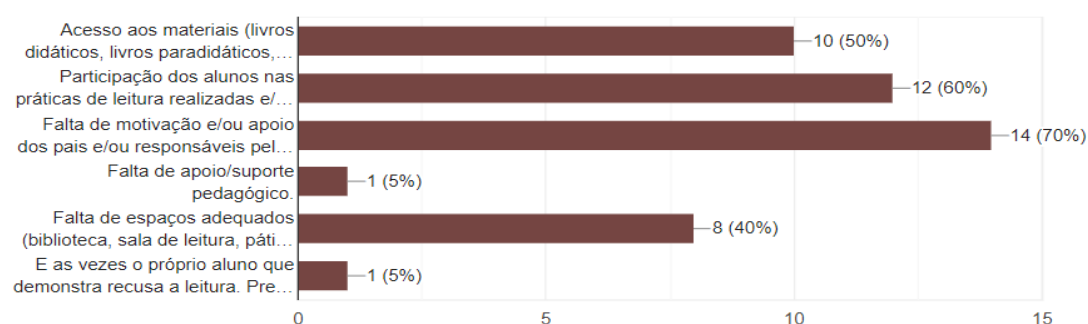
Sobre os desafios que os professores passam constantemente no exercício de sua profissão, um dos que mais se destacou na pesquisa foi a falta de motivação/ apoio dos responsáveis pelos alunos, com 70% dos votos; já 60% dos professores indicaram a participação dos alunos nas práticas de leituras realizadas e/ou encaminhadas; 50% dos docentes sinalizaram o acesso aos materiais (livros

didáticos, livros paradidáticos, sites, portais etc.); 40% apontaram para a falta de espaços adequados (biblioteca, sala de leitura, pátio etc.); 5% dos colaboradores, a falta de suporte/apoio pedagógico; e, por fim, um comentário de um dos entrevistados foi acrescentado, na opção “Outro”, acerca da recusa do próprio aluno em participar da aula.

Gráfico 5: Os desafios de inserir os alunos nas aulas de leitura

6. Quais os principais desafios encontrados para inserir os alunos em práticas de leitura?

20 respostas



Fonte: A autora (2021)

Sobre a participação dos pais no apoio à leitura dos alunos (70%), Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 53) comentam que

a família, há muito, perdeu a noção de sua importância no papel educativo das crianças, especialmente na construção do gosto pela leitura. Cada vez mais exceções se tornam raras e mais raras. Em função disso, a família transferiu para a escola esse dever.

Este é um dos fatores que podem ser mencionados quando se fala da falta de motivação dos alunos, essa falsa crença de que é responsabilidade apenas da escola sem que os pais tenham que participar. E este é um equívoco que muitos pais cometem, não participando do aprendizado e estimulando o interesse de seus filhos. Todavia, é notório que as figuras materna e paterna são os primeiros exemplos que a criança tem no seu núcleo familiar e, provavelmente, são neles que elas se inspiram.

Com relação à participação dos alunos nas práticas de leituras realizadas e/ou encaminhadas (60% dos professores), muitas vezes, os alunos não participam das

aulas por considerá-las monótonas e sem sentidos ou até mesmo por falta de vontade própria. Sobre a interação, Franco (2008, p. 16) diz que “ (...) o processo de ensino e de aprendizagem da leitura se relaciona à permanente construção de conhecimentos, por meio da interação e da prática pedagógica do docente no espaço escolar em que o aluno participa. ” Ou seja, é por meio da interação na aula que o aluno pratica a leitura e é por meio dessa exposição que o professor poderá orientá-lo em seu caminho como um leitor.

Ademais, 40% dos entrevistados relataram que existe “Falta de espaços adequados (biblioteca, sala de leitura, pátio etc.)” e, sobre isso, os autores Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 56) demonstram uma insatisfação ao dizerem:

mas qual é o problema real de não haver bibliotecas nas escolas – nem sequer as mais humildes estantes nas classes? Ora, sabemos que a mais eficiente forma de desenvolvimento do gosto pela leitura é a exposição constante da criança a um material de leitura. Isso sim é essencial no desenvolvimento do hábito de ler!

Visto que a biblioteca é um dos poucos espaços de lazer que os alunos possuem na escola, o que o professor pode fazer quando não existe esse espaço para um ensino adequado e de qualidade? É evidente a insatisfação dos professores, uma vez que o simples auxílio de um lugar apropriado para as atividades não está disponível, isto quando a sala de leitura não é transformada em depósitos de documentos ou objetos da escola.

Além do mais, de acordo com o Censo (2020), nas escolas, cerca de 95,5% das federais têm biblioteca, 54,8% das escolas estaduais, 31,6% das escolas municipais e 64,9% das escolas privadas. Ou seja, os números demonstram um problema no ensino do nosso país, principalmente com relação a escolas municipais e estaduais, onde está a maior parte dos alunos, pois, uma escola sem biblioteca, pode dificultar o acesso dos alunos a materiais que nem sempre são expostos dentro de sala de aula, limitando assim o seu conhecimento apenas ao que é disponibilizado a eles. Uma vez que é através da biblioteca que os alunos de baixa renda podem ter acesso aos diferentes tipos de livros que dificilmente manuseariam em outros espaços.

Conforme aponta Silva (2009, p. 195):

A preocupação com o planejamento de bibliotecas escolares não é nova e ressurgiu agora, num momento em que os educadores e a sociedade tomam consciência das suas precárias condições de trabalho e de atualização e buscam soluções para interromper o processo de empobrecimento (...) A conquista e a organização de uma biblioteca dentro das escolas, recheada de literatura crítica e com serviço democrático de circulação, certamente servirão como um outro patamar educacional para a produção de um ensino de qualidade.

Esse espaço democrático de conhecimento que é a biblioteca, ainda parece ser algo fora dos padrões das escolas brasileiras, um ambiente de luxo para muitos, visto que não é acessível para todos. Muitas vezes esse espaço é negligenciado por aqueles que não demonstram respeito ao verdadeiro valor cultural, histórico, social que ela possui. A biblioteca escolar demonstra uma beleza que não é apenas pela quantidade de materiais que possui ou pela sua estrutura, mas sim pela diversidade do acervo que ela disponibiliza e a riqueza de conteúdo que oferece aos seus visitantes. Logo, a falta de um espaço como esse, para o auxílio dos professores em suas aulas de leitura, faz uma grande diferença no momento da elaboração de seu plano de aula. Sendo assim, a falta de uma biblioteca limita o professor nas escolhas do material e dificulta a inserção do aluno no mundo da leitura.

O mesmo ocorre com os 5% dos professores que relataram terem problemas com a falta de apoio e suporte pedagógico, falta de material e de apoio da própria escola. Isso desestimula o professor e afeta as suas aulas, fazendo com que eles tenham que procurar outros meios e (re)pensar a viabilidade de determinadas práticas docentes mais elaboradas.

5.7. Práticas no ensino de leitura que estimulam as habilidades dos alunos

Perguntamos a opinião dos professores sobre quais seriam as práticas de leitura que mais estimulam os alunos, visando compreender o ponto de vista do educador tendo como base em sua experiência. Segue abaixo o quadro com um demonstrativo de respostas obtidas no questionário.

Quadro 3. Com base em sua experiência docente, quais as práticas escolares ou escolarizadas que mais estimulam os alunos a desenvolverem as habilidades e as competências exigidas atualmente?

Agrupamento das respostas	Quantidade e percentual de respostas	Exemplos
Ligação com o mundo/ cotidiano do aluno	17%	“Trazer o planejamento para a vida real do aluno, debates com temas atuais, livros paradidáticos contemporâneos, rodas de conversa, apresentação teatral, leitura de textos verbais e não verbais, tratamento da gramática de uma maneira contextualizada..” “A apresentação de textos que remetam ao seu cotidiano, com conteúdos que lhe entendessem”
Interação	29%	“Aulas interativas, com atividades que permitam mais a interação do aluno.”
Pontuação	11%	“Feliz ou infelizmente, nessa idade e nesses anos, eles são bem movidos a recompensas por pontuação. ” “Infelizmente as avaliações. Os alunos só querem participar se tiver pontuação para passar de ano, não estão preocupados com seu aprendizado, que consequentemente, equivale a bom desempenho nas práticas escolares.”
Tecnologia e ensino	35%	“Aulas interativas, com atividades que permitam mais a interação do aluno.” “O uso das TIC's”
Não soube responder	8%	“Essa é uma boa pergunta para a qual não tenho resposta”

Sobre o primeiro tópico, “a ligação com o mundo/cotidiano do aluno e atualidade”, sabe-se que as leituras propostas pelos professores têm que estar relacionadas à realidade de mundo do educando, para que assim eles possam atribuir sentido ao que estão lendo. Sobre isso, Cosson (2018) diz que, além da simples troca

de sentidos entre o leitor e o autor do texto, existe ainda a troca com a sociedade em que ambos estão localizados, visto que os sentidos são o resultado de compartilhamentos de visões de mundo.

Com relação ao segundo tópico, “a interação em sala de aula”, sabe-se que esta ocupa um papel relevante, pois é através dela que o desenvolvimento da aprendizagem acontece. Segundo Franco (2008, p.17):

Considerando o pressuposto de que a leitura na sala de aula pode ser compreendida como prática que constitui as condições de uso efetivo da linguagem, entendemos que a interação pode efetivar-se na escola, levarmos em consideração o espaço do aluno frente aos textos escritos. Portanto, é importante ressaltar a necessidade de a escola promover e expandir as possibilidades de interação por meio da leitura de textos escritos.

Sendo assim, a leitura pode ser vista também como um ponto de partida para promover a interação em sala de aula, tanto entre os alunos quanto professor e aluno, podendo ser realizadas atividades de leitura em que o aluno expresse a sua opinião acerca dos textos lidos.

Porém, como é comentado de maneira preocupante por alguns dos professores (terceiro tópico do quadro 3), alguns alunos só demonstram interesse em participar das aulas quando veem que podem ganhar pontos com a participação e a conclusão de suas atividades. Infelizmente essa cultura de ganhar algo em troca pelos afazeres escolares se estabeleceu em sala de aula por parte dos alunos e também dos professores, e ao que parece alguns ainda não sabem lidar com isso.

Segundo Ruiz (2004, p. 16),

O uso de incentivos extrínsecos para estimular a motivação do aluno baseia-se num enfoque comportamental (behaviorista) e os tipos de recompensas comumente usadas por professores com este intuito são: (1) recompensas materiais (dinheiro, prêmios, bugigangas, artigos de consumo e comestíveis); (2) atividades recompensadoras e privilégios especiais (oportunidades de praticar jogos, usar equipamentos especiais ou envolver-se em uma atividade escolhida pelo próprio aluno); (3) notas, prêmios e reconhecimentos (diplomas de honra ao mérito, certificados, estrelas); elogios e recompensas sociais e (5) recompensas do professor (atenção especial, interação personalizada, oportunidades de ir a lugares ou fazer coisas com o professor).

É compreensível que, na visão dos professores, esta seja a única forma de fazer com que os alunos se dediquem mais às aulas e às atividades, porém esse tipo de incentivo faz com que os alunos apenas a realizem para ganhar uma recompensa (pontos) e o aprendizado que aparentemente ele colheu foi algo focado apenas na pontuação, ou seja, algo passageiro, deste modo cabe ao professor se atentar ao fato de que cada tipo de estímulo causa um tipo de reação no educando. Logo, é necessário que o professor saiba administrar esses incentivos para que não afete negativamente a aprendizagem do aluno, visto que podem causar o efeito reverso, ou seja, os alunos não se empenham com qualidade nas aulas, apenas se esforçam para ganhar a nota prometida pelo professor.

Já com relação ao quarto tópico do quadro 3, tecnologia e ensino, compreendemos que a tecnologia está, cada vez mais, presente no mundo globalizado que temos hoje. Por isso, com o avançar do mundo tecnológico, as pessoas têm que se manter atualizadas, principalmente quando se trata da escola que ensina para adolescentes e jovens que estão imersos no mundo digital. Os professores, por sua vez, não podem ficar à margem dessas ferramentas digitais.

Deste modo, quando se trata da “tecnologia e ensino”, a leitura se encontra ainda mais presente no cotidiano dos estudantes. Lobo e Maia (2015, p.17) dizem que “Essa evolução das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) permite que a maioria da população tenha acesso à informação, o que traz mudanças profundas em várias áreas do saber (...)”. Complementando, Rösing e Rettenmaier (2008) afirmam que a leitura nesse mundo da cibercultura exige dos leitores novos conhecimentos, em razão de que os portadores de texto obrigam as pessoas a se aperfeiçoarem constantemente, pois a mudança é sempre contínua tanto da linguagem quanto do mundo. Sendo assim, os professores precisam se manter atualizados para não apenas se conectarem às informações, mas também para prestarem suporte aos educandos, tendo em vista que o ambiente virtual agrada os olhares mais jovens da nossa geração.

5.8. Você se considera um leitor proficiente?

Tendo em vista o termo adotado neste trabalho para se referir aos professores como agentes de letramento, e como o seu papel exige uma certa capacidade de articular “os interesses partilhados pelos membros da coletividade” (KLEIMAN, 2006, p.7), é de suma importância que este também seja um bom leitor, visto que se existe um objetivo de formar bons leitores, ele tem que ser uma importante referência para os seus alunos, pois é ele que vai guiá-los nas aulas de leitura. Deste modo foi indagado aos professores entrevistados, por último e não menos importante, se eles se consideravam leitores proficientes. Com isso, obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 4. Você se considera um leitor proficiente, ou seja, aquele que constrói os sentidos e age criticamente diante da leitura?

Agrupamento das respostas	Exemplos
A leitura como um exercício constante	“Sim, mas sempre podemos evoluir. Ler é uma prática que não deve ter fim. Quanto mais se lê, melhor se vê o mundo. E assim construímos mais sentidos, fazendo relações com o que já lemos antes e já sabemos, além de podermos assumir uma posição ativa diante daquilo que lemos. Este é o leitor funcional. ” “Sim, leio diariamente e estudo técnicas de ensino de leitura com frequência. ” “Sim. Sempre gostei de ler, não necessariamente, textos literários. Gosto da leitura em si.”

Os autores Ferrarezi e Carvalho (2017) comentam que, mesmo antes de começar a trabalhar com os textos, o professor precisa ser um leitor, sendo necessário que, em sua posição como docente, consiga compreender cada uma das habilidades utilizadas para a produção dos sentidos na leitura dos textos em língua materna. Logo, se o professor for um leitor ativo, ele pode ter mais criticidade com relação aos seus pensamentos, à sua fala, ao seu comportamento e isso pode refletir em seu modo de lidar com as suas aulas, afinal, a leitura é libertadora e transforma o homem.

Para ensinar é preciso aprender, nesse caso, se o professor deseja que seu aluno seja um bom leitor, ele deve ser exemplo, inspirar e motivar. De acordo com Lajolo (2009, p. 100), “Se o professor não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor.”. Logo, existe a necessidade de que o professor se empenhe nesse exercício, pois ao assumir essa atividade, ele irá compreender e

fazer aquilo que muitas vezes exige em sala de aula. Em outras palavras, o entendimento daquilo que faz em suas práticas rotineiras no ambiente educacional fará mais sentido se ele mesmo entender o que é necessário e quais as dificuldades que os alunos sentem ao tentar ler os textos requeridos.

Esse profissional que vemos em sala de aula e que possui um repertório de respostas para cada pergunta, é apenas uma parte do que é o professor. Ele sempre está à procura de meios para atender às demandas da aula, principalmente no ensino de leitura, algo que parece fácil inicialmente, mas que apresenta diversos tipos de obstáculos para que as aulas obtenham o sucesso pretendido. O professor leitor consegue traçar caminhos e estratégias para conduzir o assunto da aula de maneira leve, a fim de que os alunos consigam compreender e tomem gosto pela aprendizagem.

Porque ensinar leitura é isso, ter a destreza necessária que só um professor leitor tem para atuar nessa atividade desafiadora, que muitas vezes, equivocadamente, é concebida como algo simples e fácil. De acordo com Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 90), “a essência do trabalho com habilidades de leitura está em desenvolver nos alunos as capacidades de produzir sentidos a partir dos textos que eles leem”. Logo, o docente, sendo um leitor mais experiente, poderá guiá-los nesse momento de aprendizagem (aperfeiçoamento) da prática leitora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor de língua portuguesa é concebido como o responsável por despertar a curiosidade dos educandos para o mundo da leitura, e o que consegue fazer com que estes deem sentidos aos textos. Dentre tantas disciplinas ofertadas em sala de aula, o professor de língua portuguesa é o que carrega a responsabilidade de despertar o gosto pela leitura e fazer com que o aluno sinta prazer na atividade, mesmo que, nas outras disciplinas, os professores também façam o uso da leitura em suas aulas.

Logo, a pesquisa buscou responder a seguinte questão: como o professor pode colaborar na formação da competência leitora do aluno durante o ensino fundamental II? Sendo assim, foi constatado que, mesmo diante de tantas dificuldades que se fazem presentes na vida do professor, este está sempre buscando melhorar a sua metodologia de ensino, como usar práticas pouco conhecidas, como a Tertúlia, já mencionada e utilizada por um dos entrevistados, práticas inovadoras voltadas para o uso da tecnologia em sala de aula, com as TIC, dentre tantas outras que são planejadas por eles e previstas no plano de aula.

Além do mais, a utilização de textos próximos à realidade dos alunos, leituras que promovem a participação e, conseqüentemente, a interação nas aulas foram uma das metodologias de ensino que os professores mais revelaram utilizar, denotando assim uma procura por atividades que chamem a atenção dos alunos e promovam o interesse pela leitura.

Deste modo, neste trabalho foi visto quais os procedimentos e recursos que os professores adotavam para auxiliar os alunos nesse momento de aprendizagem da leitura, buscando despertar o gosto pela prática, além de poder observar o quanto o professor pode auxiliar no desenvolvimento da compreensão leitora dos alunos. Observamos também a importância do papel do professor nesse momento da formação do educando no ensino fundamental II, visto que nesta fase é fundamental o contato com o mundo da leitura para a formação do aluno enquanto leitor. Por este motivo, o professor ocupa um lugar muito importante na segunda fase do fundamental, momento em que, para muitos educandos, os seus gostos como leitores estão sendo firmados.

Sendo assim, concluímos que os professores (agentes de letramento), enquanto mediadores/motivadores no ensino de leitura, estão sempre buscando novos procedimentos metodológicos para auxiliar os alunos na aprendizagem da leitura. Deste modo, esperamos que este estudo contribua para a reflexão sobre as práticas de leitura em sala de aula. Além disso, almejamos que esta pesquisa sirva para que novas reflexões acerca do papel do professor no ensino de leitura sejam formadas, gerando novos conhecimentos acerca do ensino de leitura, especialmente no que diz respeito aos graduandos/as dos cursos de Letras e Pedagogia, aos professores da educação básica e demais pesquisadores da área.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. (p. 153 – 161).
- ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura**: teoria, avaliação e desenvolvimento. São Paulo: Artmed, 2005.
- BARTHES, Roland. **O prazer do Texto**. Tradução de J. Guinsburg. 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2020**: resumo técnico. Brasília, DF: INEP, 2021
- BRASIL **Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília/ DF: MEC, SEF, 1998.
- BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 13. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. – (Série legislação ; n. 263 PDF)
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 22 nov. 2020.
- COELHO, Betty. **Contar histórias** - Uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2002.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: Teoria e prática. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: Propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. (p.67 – 97).
- FRANCO, Cleide Aparecida Nunes da Silva. **A interação Aluno-professor-alunos nas Aulas de Leitura**. Dissertação de Mestrado pela universidade Federal de Uberlândia -Programa de Pós graduação em Linguística. Uberlândia, MG: 2008
- FERRAREZI JR, Celso. CARVALHO, Robson Santos. **De alunos a leitores**: O ensino da leitura na educação básica. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51ª edição. São Paulo, Cortez editora/ autores associados, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**. São Paulo. Paz e Terra, 1999.
- FREIRE. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 6ª ed. São Paulo. Editora Unesp, 2000.

GERALDI, João Wanderley . **O texto em sala de aula:** leitura e produção. 3.ed. Campinas: Assoeste, 1984.

GOMES, É.M.F. **A importância do planejamento para o sucesso escolar.** Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica. Porto Nacional, 2011.

JUSTO, Márcia Adriana Pinto da Silva; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – Volume 4 – nº 1 - 2013. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Marcia.pdf>. Acesso em: 23 de nov. 2020.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

KLEIMAN. **Preciso ensinar o letramento?** Não basta ensinar a ler e escrever? Campinas, SP: Cefiel, 2005.

KLEIMAN. Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento social. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], n. 8, p. 409-424, 2006. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v0i8p409-424. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59763>. Acesso em: 22 nov. 2020.

KLEIMAN. Letramento e suas implicações para o ensino e língua materna. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

KLEIMAN . **Oficina de leitura:** teoria e prática. 16 ed. Campinas SP: Pontes Editores, 2016.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M, K. (orgs). **Escola e leitura:** Velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. (p. 99 – 112).

LOBO, Alex Sander Miranda; MAIA, Luiz Cláudio Gomes. O uso das TICs como ferramenta de ensino-aprendizagem no Ensino Superior. **Caderno de Geografia**, v. 25, n. 44, p. 16-26, 2015.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREITAS, Olga. **Equipamentos e materiais didáticos.** – Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 132 p.

PEREIRA, J, C. Andrade, a, s, s. **Formação em Tertúlia Literária Dialógica e meditação:** diálogo igualitário e autoconhecimento. 2017.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. “Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola”. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura:** velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em Leitura, Matemática e Ciências no Brasil. **Ministério da educação**, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/211-noticias/218175739/83191-pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil>. Acesso em: 15 de nov. de 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RUIZ, Valdete Maria et al. A efetividade de recompensas externas sobre a motivação do aluno. **Revista Educ@ção**, v. 1, n. 2, p. 13-20, 2004.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Leitura e escrita na escola: algumas propostas: In: **Em Aberto**, Brasília, ano16, n. 69, jan / mar.1996.

RÖSING, Tania; RETTENMAIER, Miguel. **Leitura e hipertexto: a lição da literatura infanto-juvenil**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n. 2, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M, K. (orgs). **Escola e leitura: Velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. (p.187 – 2004).

SOARES, Magda, **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. : EDUC/Mercado das Letras.

SPUDEIT, Daniela. Elaboração do plano de ensino e do plano de aula. **Rio de Janeiro**, 2014.

VIANA, Fernanda Leopoldina; BORGES, Miguel. Promover a fluência em leitura: um estudo com alunos do 2º ano de escolaridade. **Educar em Revista**, n. 62, p. 33-51, 2016.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M, K. (orgs). **Escola e leitura: Velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. (p.17 – 39).

APÊNDICE A- TERMO DE COMPROMISSO DE PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA.**Ensino de leitura nas aulas de língua portuguesa**

Este formulário tem como objetivo contribuir com a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduanda Clécia Vitória Araújo da Silva, vinculada ao Curso de Letras- Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba, Campus IV- Mamanguape -PB. O referido estudo, cujo título é "O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR: UMA QUESTÃO DE LETRAMENTO ESCOLAR", sob orientação da Profa. Dra. Luana Francisleyde Pessoa de Farias, tem como objetivo geral analisar o papel do professor de língua portuguesa como agente de letramentos na construção dos hábitos leitores dos alunos no ensino fundamental II. Solicitamos a sua colaboração, PROFESSOR/A DE LÍNGUA PORTUGUESA QUE ATUA NA II FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL, no sentido de responder este questionário, como também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e/ou publicar em revista científica (se for o caso). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). A Pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário

Gratidão por sua preciosa colaboração, PROFESSOR/A!

Você concorda com os termos da pesquisa?

Sim ()

Não ()

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO

I. Qual a sua idade?

II. Qual o seu nível de escolaridade?

- Graduação em andamento ()
Graduado/a ()
Especialização em andamento ()
Especialização ()
Mestrado em andamento ()
Mestrado ()
Doutorado em andamento ()
Doutorado ()

III. Com relação à/s pós-graduação/ões, especifique:

- Linguística ()
Literatura ()
Educação ()

Outro:

IV. Você atua como professor de Língua Portuguesa na:

- Rede pública ()
Rede particular ()

Outro:

V. Quantos anos de experiência como professor/a de Língua Portuguesa no ensino fundamental II?

VI. Em quais turmas você leciona?

- 5º Série/ 6º ano ()
6º Série/ 7º ano ()
7º Série/ 8º ano ()
8º Série/ 9º ano ()

1. Para você, qual é o papel da leitura em sala de aula?

2. As práticas de leitura em sua/s sala/s de aula são realizadas a partir de:

Trechos de textos literários; ()

Textos literários na íntegra; ()

Trechos de textos jornalísticos, informativos, publicitários etc; ()

Textos jornalísticos, informativos, publicitários etc. na íntegra; ()

Trechos de artigos de divulgação científica; ()

Artigos de divulgação científica na íntegra; ()

Outro: _____

3. Quais os tipos de leitura você desenvolve em suas aulas?

Leitura Coletiva; ()

Leitura Individual; ()

Leitura Compartilhada; ()

Professor(a) lê e os alunos ouvem; ()

Outro: _____

Se possível, justifique o motivo da/s escolha/s dos tipos de leitura.

4. Você prevê e especifica as práticas de leitura nos seus planos de aula?

Sim

Não

Às vezes

5. Com relação à frequência das práticas de leitura em suas aulas, você afirmaria que são:

Diárias ()

Duas a três vezes por semana ()

Uma vez por semana ()

Outro: _____

6. Quais os principais desafios encontrados para inserir os alunos em práticas de leitura?

Acesso aos materiais (livros didáticos, livros paradidáticos, sites, portais etc.). ()

Participação dos alunos nas práticas de leitura realizadas e/ou encaminhadas. ()

Falta de motivação e/ou apoio dos pais e/ou responsáveis pelo aluno. ()

Falta de apoio/suporte pedagógico. ()

Falta de espaços adequados (biblioteca, sala de leitura, pátio etc.) ()

Outro:

7. Com base em sua experiência docente, quais as práticas escolares ou escolarizadas que mais estimulam os alunos a desenvolverem as habilidades e as competências exigidas atualmente?

8. Você se considera um leitor proficiente, ou seja, aquele que constrói os sentidos e age criticamente diante da leitura?
